

portugueses que participaram numa sessão do Congresso: Ana Soares e Bárbara Wong; Hélia Correia; Ivone Mendes da Silva; Jaime Rocha; e Nuno Júdice.

Naturalmente, num volume desta dimensão, sente-se a falta de um índice remissivo aos autores referenciados nos estudos que compõem esta coletânea, por forma a facilitar a utilização do volume.

Em conclusão, esta obra editada pelas Professoras Paula Morão e Cristina Pimentel tem o mérito de reunir contribuições de vários especialistas, de diferentes nacionalidades, oriundos de diversas instituições universitárias, que oferecem ao leitor uma perspetiva plural e alargada da importância e valor do legado greco-romano na literatura portuguesa de todas as épocas. A diversidade de abordagens e de metodologias constitui um instrumento útil de reflexão e debate para novas leituras que se apresentem sobre a influência mais ou menos explícita que os autores e os temas clássicos detiveram em géneros literários posteriores e no decurso do tempo. Considera-se, por isso, uma obra de referência não apenas essencial no domínio da investigação da perenidade da cultura clássica mas também no âmbito dos estudos literários em geral, pelo valioso contributo que presta para um melhor conhecimento da literatura em língua portuguesa.

A. Pociña, A. López, C. Morais, M. F. S. e Silva (coords.) (2015). *Antígona. A Eterna Sedução da Filha de Édipo*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra-Annablume Editora. 359 pp. ISBN: 978-989-26.1111-2; ISSN: 2182-8814

MARIA FERNANDA BRASETE (*Universidade de Aveiro — Portugal*)²

Acaba de sair do prelo o livro *Antígona. A Eterna Sedução da filha de Édipo*, coordenado por Andrés Pociña, Aurora López, Carlos Morais e Maria de Fátima Silva, da série “Mito e (re)escrita”, publicada pela Imprensa da Universidade de Coimbra e pela Annablume Editora (S. Paulo).

Este volume reúne textos apresentados no Colóquio com o mesmo nome do livro (*Antígona. A Eterna Sedução da filha de Édipo*), que se realizou na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, nos dias 25 e 26 de setembro de 2014, ano em que se celebraram os 40 anos do 25 de abril.

² mbrasete@ua.pt.

Ainda que a escolha do tema não tenha sido pensada em função dessa efeméride, não podemos deixar de considerar que, como se sublinha no prefácio, a proximidade com a data que assinala a revolução dos cravos “tornou a escolha particularmente apropriada” (p. 12). Como todos sabemos, muitas das reescritas do mito de Antígona em Portugal foram produzidas durante a ditadura que mergulhou o país num longo silêncio de 48 anos.

Sobre o Congresso, o ambiente em que foi pensado e concebido, bem como sobre os seus objetivos nos dão pistas o “texto de apresentação” (pp. 11-13) e as palavras de abertura dos textos de Carmen Morenilla (p. 107) e de Andrés Pociña (pp. 195-196). Com 359 páginas, esta publicação, além do texto de apresentação do conteúdo e dos autores, das referências bibliográficas e do sempre útil índice de autores, reúne 16 textos de investigadores portugueses, espanhóis, brasileiros, franceses e italianos.

Ao mito na tragédia, sua receção, ainda na Antiguidade, em diferentes géneros ou formas de expressão artística, são dedicados os três primeiros estudos, de Francesco de Martino (*Antigone sulle mura*), João Loureiro (*Quatro funerais e um casamento: mortos e vivos na Antígona de Sófocles*) e Maria das Graças de Moraes Augusto (*Da velhice à justiça: Antígona e a crítica platônica da tirania*).

Aos problemas de tradução e de encenação do texto sofocliano, nos tempos de hoje, é dedicado o texto de Marta Várzeas. Nele, a autora produz reflexões que decorrem da sua experiência enquanto autora de uma nova versão portuguesa do texto grego, feita a pedido do encenador Nuno Carinhas, para ser representada no Teatro Nacional de S. João (Porto), em 2010.

Os restantes 12 textos são dedicados a recriações modernas do mito, nas literaturas portuguesa, espanhola, francesa, brasileira e italiana.

Maria de Fátima Silva, Maria Fernanda Brasete e Susana Marques apresentam estudos sobre algumas das sete *Antígonas* do século XX. Maria de Fátima Silva estuda o tratamento da figura de Creonte nas peças de Júlio Dantas (1946) e de António Pedro (1954), escritas nos anos que se seguem à II Grande Guerra, em que se viveu a sensação de uma relativa abertura do regime salazarista. Maria Fernanda Brasete estuda o ensaio dramático, intitulado *Antígona*, escrito no final desta década pelo aveirense Mário

Sacramento. Nesta peça em um ato, o autor promove uma leitura dramática sobre o destino infeliz dos sobreviventes de uma família francesa, vítima da ocupação alemã, na Segunda Guerra Mundial. Por fim, Susana Marques aborda o tema “Norma e Transgressão”, na *Antígona* de Hélia Correia, escrita em 1991, dezassete anos depois do fim da ditadura, com objetivos e sensibilidades diferentes das que encontramos nas três peças anteriormente referidas.

A seis das mais de duas dezenas de recriações espanholas, no teatro e na poesia do século XX, foram dedicados estudos assinados por Aurora López (*Algumas Antígonas em Espanha, (s.XX)*), Carmen Morenilla (*Las Antígonas de Espriu*), Nuria Lagüerri (*Entre Sófocles y Anouilh*), R. González Delgado (*Antígona: Norma e Transgressão, em Sófocles e em Hélia Correia*) e Carlos Morais (*Antígona entre muros, contra os muros do silêncio: Mito e História na recriação metateatral de José Matín Eslizondo*). Pela leitura destes textos, podemos sentir a forma como a filha de Édipo seduziu autores como Salvador Espriu (em língua catalã), María Zambrano, José Martín Elizondo, Nel Amaro (em língua asturiana), Julia Uceda e Memé Tabares.

Passando à literatura francesa, o livro oferece-nos dois estudos. Um de Maria do Céu Fialho que analisa a figura de Antígona na obra de Cocteau, um autor que, com a sua estética do mínimo, exerceu forte influência em outras literaturas europeias. Outro de Stéphanie Urdician, que analisa textos e representações de quatro autores contemporâneas, em que “Antígona orquestra o encontro entre diferentes culturas, idades e registos para promover diálogos intergeracionais na procura da identidade e de construções sociais”

Da literatura brasileira, Gilmário Guerreiro da Costa estuda as figuras de Antígona e de Medeia, no conto “A Benfazeja”, de João Guimarães Rosa.

Por fim, Andrés Pociña estuda a figura de Antígona na obra *La Serenata a Colono*, de Elsa Morante, opúsculo nunca representado, incluído num poemário publicado em 1968, com o título *Il mondo salvato dai ragazzini e altri poemi*.

Uma Bibliografia final conjunta, convenientemente repartida em “Edições e traduções de autores antigos”, “Reescrita de temas clássicos” e “Estudos”, prova o cuidado e rigor dos coordenadores deste volume.

O valor da obra é ampliado pelo muito útil Índice de Autores que apresenta. A finalizar, uma última secção inclui breves notas curriculares sobre os autores dos estudos.

Em suma, há que louvar o excelente serviço que presta ao público, mais ou menos especializado, esta coletânea de 16 estudos, publicada sob a chancela da prestigiada Imprensa da Universidade de Coimbra, em parceria com a editora paulista Annablume, que testemunha a inesgotável sedução que a filha de Édipo continua a exercer sobre criadores, encenadores e estudiosos da receção dos mitos.

Luísa de Nazaré Ferreira, *Mobilidade poética na Grécia antiga. Uma leitura da obra de Simónides*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013. Humanitas Supplementum, 469 pp. ISBN 978-98-9721-031-0.

MARIA FERNANDA BRASETE (*Universidade de Aveiro — Portugal*)³

Como declara a autora no “Prefácio” (p. 9), este livro resulta do trabalho de investigação realizado para a sua dissertação de doutoramento apresentada, em 2005, à Universidade de Coimbra. Uma “Nota Preliminar” concisa (p.12) fornece esclarecimentos úteis sobre as edições críticas seguidas, além de uma explicitação sobre os critérios utilizados nas citações dos textos e autores antigos, bem como relativamente às abreviaturas e às siglas das publicações periódicas. Trata-se de uma obra que cumpre exemplarmente o que o título enuncia: uma investigação meticulosa e muito bem fundamentada, sobre um poeta e uma temática fascinantes. Recuperam-se os primórdios da antiga literatura grega para documentar, analisar e interpretar a tradição da mobilidade que marcou o ofício dos poetas da denominada Lírica Arcaica, com o objetivo de rastrear o percurso profissional de Simónides de Ceos (556-468 a.C.), através de uma leitura ampla e atualizada de um grande número dos fragmentos líricos e elegíacos, bem como dos epigramas que constituem, hoje, o *corpus* da obra do poeta.

A abrir este volume, estruturado em três partes principais, encontramos uma Introdução (pp.15-59) bem desenvolvida e rigorosamente documentada, que enquadra e discute a tradição arcaica da mobilidade poética, e em concreto a atuação dos aedos e dos rapsodos, com referências

³ mbrasete@ua.pt.